

CONJUNTURA

Analista americano afirma que Brasil precisa mostrar resultados

Roberto Castro/AE — 11/3/97

Para chefe do ING Barings, discurso oficial já é conhecido do mercado, que precisa de mais ação

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Arturo Porzecanski, o economista-chefe do banco de investimentos ING Barings, não foi ouvir o ministro Pedro Malan falar ontem no Conselho das Américas, em Nova York. "Já sei o que Malan vai dizer", disse. "Ele pedirá mais tempo."

Porzecanski acompanha a economia brasileira de perto há 20 anos. Na década passada, foi um dos primeiros em Wall Street a prever o fracasso do Plano Cruzado. Hoje, está longe de ser pessimista sobre o real. As análises sobre a economia e recomendações a respeito de ativos brasileiros que o ING Barings envia regularmente a seus clientes, sob a supervisão deste uruguaio naturalizado americano, são equilibradas e geralmente positivas. Por isso mesmo, é importante ouvir o que Porzecanski tem a dizer no momento em que o governo intensifica seus esforços em busca de investidores externos para o programa de privatização — a missão do ministro da Fazenda esta semana em Nova York.

"A comunidade de investidores já ouviu muitas vezes a mensagem de Malan, que é, em essência, a seguinte: estamos conscientes de que temos muito trabalho pela frente, que há muito ainda por fazer, mas não é fácil e precisamos de mais tempo", disse o economista. "Mas a questão, no mercado de capitais, no que diz respeito aos ativos brasileiros, é que estamos agora na undécima hora", alertou. "1997 é o ano em que o governo terá de mostrar resultados." Certo ou errado, o fato é que a percepção dominante em Wall Street é que 1998 será um ano eleitoral e nada poderá



Malan: tentando convencer estrangeiros a entrar nas privatizações

ser feito em matéria de reformas, observou Porzecanski. "Pessoalmente, acho que esse cálculo está errado", disse. "Mas os investidores ficarão desapontados e poderemos ver uma correção do valor dos ativos brasileiros no segundo semestre se as algumas coisas não começarem a acontecer".

MALAN DEVE PEDIR MAIS TEMPO A INVESTIDORES

Fábio Niccheri, da área de fusões e aquisições da Price Waterhouse — que organizou apresentação a investidores que Malan e seu colega argentino, Roque Fernandez, farão hoje cedo no Hotel Saint Regis — acha que o interesse pelo Brasil entre os investidores é grande, no momento. Ele estima em até US\$ 15 bilhões o montante de aplicações de longo prazo que o País poderá atrair, dependendo da velocidade e amplitude das privatizações. "Mas as perguntas estão ficando mais es-

pecíficas", notou Niccheri.

O diretor da Área Externa do Banco Central, Gustavo Franco, teve uma demonstração disso esta semana, durante um seminário com executivos do mercado, em Nova York, organizado pela empresa de classificação de risco Duff & Phelps, a terceira maior do ramo, depois da Moodys e da Standard & Poor.

Ele ouviu elogios à crescente agilidade do Banco Central na publicação de dados sobre a economia. Mas também escutou perguntas pontudas sobre a qualidade dos números que divulga — sobre, por exemplo, a balança comercial e o déficit público. No caso do déficit público operacional, levantaram-se dúvidas sobre a surpreendente melhora da posição entre novembro (4,5%) para dezembro (3,9%), quando o mais comum é haver uma deterioração, no último mês, por causa do pagamento do décimo terceiro salário ao funcionalismo.